

Exame não é diagnóstico: por que a interpretação médica faz toda a diferença

Por Redação Brazil Health

Nos últimos anos, o acesso à informação em saúde se tornou praticamente ilimitado. Ao receber um resultado de exame, muitos pacientes recorrem imediatamente à internet em busca de respostas. No entanto, quando o assunto envolve sistemas como BI-RADS, TI-RADS ou PI-RADS, essa prática exige cautela.

Essas classificações fazem parte de exames de imagem e são utilizadas para descrever achados e estimar o risco de malignidade a partir de critérios técnicos observados em mamografias, ultrassonografias e ressonâncias magnéticas. Elas indicam a probabilidade de uma alteração ser benigna ou demandar investigação adicional e orientam a conduta clínica. Quando interpretadas fora desse contexto, podem gerar leituras equivocadas, ansiedade desnecessária e até decisões prejudiciais, como adiar uma consulta, iniciar suplementos por conta própria ou interromper um tratamento que já esteja em andamento.

Esses sistemas foram desenvolvidos para padronizar a comunicação entre profissionais de saúde e qualificar a tomada de decisão clínica. Um laudo organizado por essas classificações permite que diferentes médicos compreendam o mesmo achado a partir de critérios objetivos e compartilhem uma base comum de avaliação. Ainda assim, o resultado do exame não se sustenta de forma isolada e precisa ser analisado em conjunto com dados clínicos que não aparecem no laudo, como histórico do paciente, sintomas, idade, fatores de risco e exames anteriores.

Limites da interpretação fora do contexto clínico

A busca por respostas rápidas fora do ambiente clínico tem sido objeto de estudos recentes. Pesquisa realizada pela Universidade de Oxford, divulgada pela revista científica *Nature Medicine* em fevereiro de 2026, identificou limitações importantes no uso de ferramentas de inteligência artificial para interpretação de informações

médicas. Os resultados apontam falhas relevantes na precisão das respostas e dificuldade em oferecer orientações adequadas ao público leigo, o que reforça a necessidade de avaliação especializada.

No campo da radiologia, o BI-RADS é utilizado na avaliação das mamas em exames como mamografia, ultrassonografia e ressonância magnética. O TI-RADS se aplica à análise de nódulos da tireoide por ultrassom, considerando características como composição e contornos. Já o PI-RADS orienta a interpretação da ressonância magnética da próstata, especialmente em contextos de suspeita clínica. Esses sistemas foram estruturados para estimar risco e sugerir condutas, não para estabelecer diagnósticos definitivos.

As categorias que compõem esses sistemas variam de 1 a 5 e indicam níveis progressivos de suspeita a partir de critérios técnicos definidos. Resultados classificados como 1 e 2 correspondem a achados benignos, que em geral não exigem intervenção imediata, mas podem ser acompanhados conforme a orientação médica. A categoria 3 indica baixa probabilidade de malignidade e costuma demandar monitoramento mais próximo, com reavaliação em intervalo definido. Já as categorias 4 e 5 apontam maior grau de suspeita e, na maior parte dos casos, levam à indicação de investigação complementar para esclarecimento diagnóstico.

Por que a interpretação isolada pode levar a erros

É importante considerar que essas classificações não estabelecem por si só um diagnóstico definitivo. A confirmação ou exclusão de doença depende de etapas adicionais de avaliação, que podem incluir exames complementares e, quando indicado, procedimentos como a biópsia. A interpretação isolada da categoria pode induzir a conclusões inadequadas sobre a gravidade do quadro.

Diante de qualquer resultado, especialmente nas categorias mais elevadas, a conduta mais segura envolve a avaliação por um especialista. A leitura adequada do exame exige a integração entre o laudo e o contexto clínico do paciente, incluindo histórico de saúde, idade, sintomas, exames anteriores e fatores de risco. Essa análise permite decisões mais precisas sobre a necessidade de acompanhamento, repetição do exame ou investigação adicional.

Exames de imagem fazem parte de um processo diagnóstico mais amplo e não devem ser compreendidos como uma conclusão em si. Os avanços tecnológicos ampliaram a capacidade de detecção e análise, contribuindo para maior precisão

na prática médica. Ainda assim, o uso dessas ferramentas exige interpretação qualificada. Recursos tecnológicos podem apoiar o acesso à informação, mas não substituem a formação, a experiência e a responsabilidade envolvidas na condução do cuidado em saúde.

*Giovanni Guido Cerri é presidente dos Conselhos dos Institutos de Radiologia (INRAD) e de Inovação Tecnológica (InovaHC), do Hospital das Clínicas da FMUSP.

<https://www.brazilhealth.com/br/radiologia/exame-nao-e-diagnostico-por-que-a-interpretacao-medica-faz-toda-a-diferenca>

Veículo: Online -> Site -> Site Brazil Health